Luiz Signates

Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de Comunicação¹

Resumo

O presente texto retoma estudos buscando anteriores autor identificar os parâmetros conceituais e teóricos que vêm fundamentando a crescente no Brasil e na América Latina de utilização do termo significação das culturais em comunicação.

1. Introdução

Apenas a abundância de citações e usos do verbo "mediar" e dos termos "mediação" e "mediador" nos textos referentes aos estudos recentes de recepção na América Latina já seria suficiente para demonstrar a importância desse conceito na reflexão contemporânea sobre essa área da pesquisa em comunicação. Devido a esse uso continuado, seria de se esperar que a palavra mediação remetesse a um significado claro, consensualizado entre diversos autores e pesquisadores, e a operadores metodológicos cujas possibilidades e limites fossem minimamente conhecidos. Por incrível que parecer, não é isso o que acontece. O próprio Martín-Barbero, em sua obra principal, De los medios mediaciones (1987), apesar de utilizálo no próprio título, não o define claramente. nem historia. contribuições nesse sentido esparsas, e, entre elas, é digno de menção o esforço de Orozco-Gómez em procurar não apenas definir o conceito, como avaliar sibilidades descritivas de forma a

categorizá-lo em seus múltiplos aspectos.

O objetivo deste trabalho é, pois, das possibilidades de noção teórica tão complexa e, até ponto, obscura, contribuir entendimento mais claro sua história, suas possibilidades seus limites. Sem a ingênua pretensão exaustividade, fundamos considerações que o enfeixam em três autores fundamentais, todos vinculados ao campo dos estudos culturais: Raymond Williams, Martín-Barbero e Orozco-Gómez². O primeiro, por ser a fonte comum onde foram beber os principais autores que hoje influenciam os estudos de recepção, pela linha da sociologia da cultura, na América Latina e, mais especificamente, no Brasil. E, os demais, por serem os que mais densa e copiosamente têm produzido trabalhos a respeito.

Em seguida, e como atualização publicamos anteriormente a respeito (Signates, efetuaremos uma rápida análise do que parece ser a contribuição contemporânea mais efetiva para a consolidação do conceito de mediação no Brasil: o trabalho, recentemente publicado, de Lopes, Borelli e Resende (2002), que, embora omitindo qualquer citação à nossa crítica, buscou, num esforço extraordinário de pesquisa, superar o problema de base que identificamos e, converter mediação numa categoria de análise metodologicamente viável, para estudos de comunicação.

Signates pesquisador professor adjunto da Faculdade Comunicação Biblioteconomia е Universidade Federal de Goiás, onde coordena o Núcleo de Pesquisas Comunicação, Política e Sociedade NPCPS. Especialista Públicas UFG. pela mestre em Comunicação pela UNB e doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/ USP.

(01) Texto originalmente publicado na Revista Novos Olhares, Ano 1, N. 2, 2°. Semestre de 1998, São Paulo: ECA-USP, pg. 37-49; apresentado ao GT Recepção da Com pós 1999, realizada em Belo Horizonte-MG; e ora revisado. (02) Reconhecemos, no uso deste conceito pelos autores latino-americanos, a nítida presença da inspiração da visão sociológica de Manuel Martin Serrano (1986), que, por razões de espaço, não abordaremos

neste trabalho.

2. Esboco histórico do conceito

A palavra *mediação*, conforme Lalande (1993, 656), procede adjetivo inglês *mediate* (embora admita também vinculação com francês mediat e, em seguida, médiation) do qual se originou o substantivo mediation e seus derivados, como intermediation. alemão, Vermittelung, se faz presente sobretudo na filosofia de Hegel.

O conceito de mediação procede principalmente de duas vertentes filosóficas: a idealista, de origem cristã, e a hegeliana, bem como a tradição marxista. Tais vertentes são. obviamente distintas. primeira ligando-se sobretudo à heranca teológica (mediação do Cristo entre Deus e o mundo; mediação dos santos entre os pecadores e Deus) e, em seguida, tornando-se corrente no existencialismo, e a segunda, numa preocupação específica de explicar os dialéticos entre categorias separadas. Ambas as orientações, contudo, às vezes se tocam, como parece ser o caso do quase insuperável problema do dualismo, que o conceito implica.

O significado mais corrente de mediação vincula-se à idéia intermediário. Como tal é a noção utilizada num contexto da epistemologia "elos behaviorista, como intermediários" entre 0 estímulo inicial e a resposta, "ao gerando tempo. as respostas estímulos que os precedem e, por sua vez, estímulos para os elos seguem" (Dubois, 1997, 405). Na verdade, a apropriação filosófica do conceito não se restringe a esse sentido, podendo, sem perder o sentido de intermediação, não se aplicar ao próprio elemento intermediador, mas "... "... àquele que se liga ao primeiro (ou dele deriva) por intermédio segundo" (Lalande, idem, ibidem). Pode, também, adquirir uma feição mais processual ou ligada à idéia de movimento "... entre um termo ou um ser do qual se parte e um termo ou um ser ao qual se chega, sendo esta ação produtora do segundo, ou pelo menos

condição de sua produção" (Lalande, idem, ibidem), e nesse sentido aparece na dialética hegeliana, como todo e qualquer termo, exceto o primeiro e o último, que se preste a operador indispensável a uma proposição teórica que assuma a pretensão de oferecer uma descrição completa do mundo.

Na heranca marxista, é Benjamin o pioneiro a teorizar a mediação fundamental que permite pensar a relação da transformação condições produção com de mudanças no espaço da cultura (transformações do sensorium modos de percepção, da experiência Outra preocupação, entanto, animava os estudiosos marxismo, a da relação entre infradando superestrutura, estrutura e origem a uma noção que antecede a de mediação: a noção de reflexo.

Segundo Raymond Williams (1979, 98), a consequência habitual da infra-estrutura/superestrutura é conceber a arte e o pensamento como reflexos. A arte seria, pois, reflexo do mundo real ou da realidade por trás das aparências (natureza interior do mundo, ou formas constitutivas), ou, ainda, reflexo do mundo tal como é visto pela mente do artista. Tal noção pode levar ao conceito de falso reflexo ou reflexo deformado, no qual algo (metafísica, ideologia) impede verdadeiro reflexo. Duas versões desse materialismo tornaram-se dominantes no pensamento marxista: interpretação da consciência como "reflexos, fantasmas, ecos. sublimações" e como "verdade científica", alternativa que deixou a arte relativamente negligenciada, embutida numa teoria positivista, para a qual a atividade artística deveria refletir a realidade (realismo naturalismo) e, se não o fizesse, seria falsa ou sem importância. Para essa concepção, a realidade é a produção e a reprodução da vida real, a infraestrutura, sendo a arte parte da "superestrutura". Tanto naturalismo quanto realismo vinculam-se a uma redução da realização artística a uma doutrina estática, objetivista.

Raymond Williams (idem, 99) cita a distinção radical entre materialismo mecânico (ver o mundo como objetos e excluir a atividade) e materialismo histórico (ver o processo da vida material como atividade humana), para afirmar que as mais simples teorias do reflexo baseavam-se no materialismo mecânico. Mas, uma visão diferente seria a de ver o "mundo real", em lugar de ser isolado como um objeto, ser um processo social material com certas qualidades e tendências inerentes. A arte seria, pois, reflexo não de objetos separados e eventos superficiais, mas como forças e movimentos essenciais a ele subjacentes. Houve ampliações precipitadas desse modo de pensar: progressista/reacionária; cialista/burguesa; não arte, mas cultura de massa: etc. Foi decisiva essa teoria da arte como reflexo não de objetos, mas de processos históricos.

Para Raymond Williams, o erro dessa abordagem foi não ser suficientemente materialista. Dessa necessidade surgiu a idéia de mediação, concebida como processo ativo, um ato de intercessão, reconciliação ou interpretação entre adversários ou estranhos. Na filosofia idealista, o termo já se estabelecera conciliação entre dentro de uma totalidade. Ou, num sentido mais neutro, interação entre forças separadas. Ou, ainda, conexão indireta, uma agência, entre tipos separados de ato. Williams percebe que o termo é atrativo para a compreensão do processo de relação entre "sociedade" e "arte", ou entre "infra-estrutura" "superestrutura". e Reformulado, indicaria não mais realidades refletidas, e sim realidades que passam por um processo de "mediação", no qual o seu conteúdo original é modificado.

É, pois, conforme Raymond Williams, quando a análise social da arte se estende às relações sociais, que a noção de reflexo é substituída pela idéia de mediação. Segundo esse autor (1992, 21), nesse caso, "a mediação pode referir-se primordialmente aos composição processos de necessários, em um determinado meio; como tal, indica as relações práticas entre formas sociais e artísticas. Em seus usos mais comuns, porém, refere-se a um modo indireto de relação entre a experiência e sua composição". O problema subjacente é óbvio: se a realidade e o falar a realidade são tomados como categoricamente distintos, conceitos como "reflexo" e "mediação" são inevitáveis.

Raymond Williams, porém, abandona o conceito de mediação, por considerar quase insuperável problema que, forma de sofisticada, já existia nas chamadas "teorias do reflexo": uma subjacente e pressuposta visão dualista do mundo, em que a realidade e o falar a realidade são tomados como categoricamente distintos. O problema é diferente, porém, se se percebe a linguagem e a significação como elementos indissolúveis do próprio processo social. Entretanto, ainda assim Raymond Williams considera estorvo descrever processo geral significação e comunicação como mediação, porquanto a metáfora "nos leva de volta ao conceito mesmo do 'intermediário', que, na melhor das hipóteses, esse sentido constitutivo e constituidor rejeita" (Williams, 1979, 103).

No esforço que este desenvolve para adequar ou superar o conceito de mediação, ele faz uma extensa análise das noções tipificação e homologia, passando por categorias muito utilizadas teóricos de Frankfurt, como correspondência e imagem dialética. Ao fim e ao cabo, Raymond Williams conclui que (1979, 110) "nenhuma das teorias dualistas, expressa como reflexo ou mediação, e nenhuma das teorias formalista e estruturalista, expressa em variantes de correspondência ou homologia, pode ser levada plenamente prática contemporânea, já que de modos diferentes todas elas dependem de uma história conhecida, de uma estrutura conhecida, de produtos conhecidos" do autor citado). Uma (grifos

abordagem alternativa para Raymond Williams passa a ser o conceito em evolução de "hegemonia".

Martín-Barbero Será, contudo, quem, na década de 1980, retomará a abordagem da hegemonia, aplicada à cultura, e recuperará com extraordinária ênfase a idéia de mediação, tomada de posição que terminará influenciando durante toda a década de 1990. na América Latina especialmente no Brasil, os ainda raros estudos de recepção em comunicação.

Oue sentido, a partir de então, adquirirá o conceito de mediação? Terão as novas abordagens, nessa retomada, se libertado dos problemas que levaram o sociólogo inglês a abandoná-lo? Eis a indagação que passaremos a estudar.

Fronteiras de um mapa conceitual: o que não é mediação

Comecemos a tentativa de um mapa conceitual pelas bordas, ou seja, pelos limites: definindo o que a mediação não é, em seu uso orientado à sociologia da cultura e em especial ao campo da comunicação. Claro que esse jogo de significados na verdade explicita posicionamentos teóricos nessas áreas do conhecimento, não se tratando de uma mera discussão semântica, daí a razão pela qual a abordagem negativa ao conceito procurará, senão desfazer, ao menos dispensar significados consagrados por dicionaristas e etimólogos.

Mediação não é intermediação. Mesmo que permaneçamos na hoje discutível "função" das instituições de comunicação intermediários como entre grupos e instituições sociais ou mesmo entre racionalidades distintas (uma abordagem weberiana poderia admiti-los fazendo a ponte discursiva entre as fissuras das autonomizadas racionalidades estético-expressiva, moral-prática e cognitivo-instrumental), chamar tais instituições de "meios de comunicação" não implica de forma alguma afirmá-las como "mediações". Este talvez seja o mais caro preco que se paga pela tentativa de um uso consistente desse conceito, pois tratase de uma negação a um uso que, em português, seria comum, sem que se obtenha, em contrapartida, alguma afirmação que pareça suficientemente clara.

Mas, as críticas ao que seria talvez o seu uso óbvio são consistentes; referem-se sobretudo ao fato de que a idéia de intermediação é diretamente dependente de um modo positivista de ver a realidade, que separa as suas categorias em partes tidas por preexistentes e independentes entre si e que, por isso mesmo, de outras categorias, necessitam externas a cada uma delas, para cumprir o papel de intermediárias e garantir as ligações que as tornam interdependentes. A esse modo de pensar Raymond Williams denominou (1979. 102) "dualismo básico", afirmando, no entanto, que "é quase impossível manter a metáfora da 'mediação'

(Vermittlung) sem um certo senso de áreas separadas e preexistentes, ou ordens de realidade", e denunciou sua presença tanto na filosofia idealista, quanto em importantes vertentes do marxismo.

Mediação não é tampouco "filtro". O uso metafórico dos termos "filtro" e "filtragem" em estudos de comunicação pode ser encontrado em psicológico-experimentais. abordagens como a dos filtros de seletividade (exposição, percepção e memorização seletivas), e empírica de campo, como nos estudos de fluxo comunicativo que utilizou a metáfora da filtragem para descrever o papel dos opinion leaders (Wolf, 1987, 28 e seg. e 49). Como parece evidente, a idéia de filtragem remete especificamente à seleção de conteúdos e pressupõe um enfoque informacional condutivista ou comunicação, dentro da linha "administrativas", chamadas teorias conforme a tipologia adotada por Mauro Wolf (1987). O conceito de mediação não cabe nesse reducionismo teórico.

Mediação também não é intervenção no processo comunicativo, o que significa que o termo deve ser usado com cuidado, ao se referir às diversas formas de controle social da

informação. Um ato de censura ou de modificação de um fragmento de informação não significa uma mediação, malgrado esteja havendo interferências no processo de significação e mesmo que haja mediações envolvidas na produção desses significados.

4. Marcas e caminhos: o que pode ser mediação

4.1 Martín-Barbero: dos meios às mediações

Parece sintomático que um dos principais autores responsáveis revivescência da figura das mediações na pesquisa latino-americana não haja trabalhado rigorosamente delimitação conceitual. Essa crítica é trangüilamente feita mesmo por estudiosos que se baseiam nele, como é o caso de Guillermo Orozco Gómez (1994, 74), que afirma, sem rodeios, que "sin embargo, Martín-Barbero no há elaborado el concepto de mediación en términos más concretos".

A admissão dessa lacuna não implica reduzir a importância de Jesús Martín-Barbero para o pensamento latinoamericano, razão pela qual a sua obra de maior repercussão, publicada originalmente em 1987 (e sobre a qual este trabalho se detém), deve ser entendida dentro do percurso intelectual desse autor. Segundo Desirée Rabelo (1998, 06), o livro De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia "... faz a passagem da preocupação inicial com a análise do discurso dos meios para a investigação das culturas populares, os modos de comunicação desses setores e a relação entre o que se passa nos meios com o que se passa nos bairros, nas ruas. Estabelecendo uma nova relação entre culturas populares e cultura massiva, o autor faz uma análise das mediações acontecidas nos meios de literatura de cordel, no século XVI na Espanha, até os meios massivos, como rádio, cinema e televisão, na América Latina contemporânea".

O conceito de mediação é citado 37 vezes, dentro da obra. Dessas citações,

em 21 oportunidades o autor o utiliza como categoria vinculante de dicotomias específicas e, em maioria, antinômicas (vide tabela ao lado). Nas demais, efetua simples citações, sem um comprometimento explícito com sua definição.

Reconhecemos, no 1150 deste conceito pelos autores latinoamericanos, nítida a presença inspiração da visão sociológica de Manuel Martin Serrano (1986), que, por razões de espaço, não abordaremos neste trabalho.

Dessa extração, avaliamos as seguintes possibilidades de definição para o conceito de mediação³:

- a) Como construto ou categoria teórica: Categoria teórica explicativa de uma relação entre antinomias ou modo de apropriação que torna possível a relação com o possível ou o radicalmente outro. Temporalidade específica que torna possível comunicação diferentes entre durações.
- b) Como discursividade específica: Discursividade específica que absorve formas diversas de apresentação ou que vincula diferentes temporalidades ou socialidades.
- Como estruturas, formas e práticas vinculatórias: Prática social vinculatória de estruturas categoricamente diferenciadas. Estruturas, formas ou práticas vinculam diferentes racionalidades, ou que sustentam diferentes lógicas ou diferentes temporalidades, num mesmo processo. Processo ou estrutura que permite chegar a um ordenamento temporal sair completamente do anterior. Práticas de produção, distribuição e consumo (econômicas, portanto), possibilitando simultaneidade e acordo entre sentidos opostos, antinômicos, ou ainda um deslocamento de modos de produção e suportes, que resulta em formato discursivo específico (como, por exemplo, o folhetim). Prática cultural absorve diferentes discursiaue vidades. Relação institucional econômica, cujos modo e periodicidade reorientam a intencionalidade

(03) Onde não se citou o endereço bibliográfico, é que a conclusão foi livremente tirada pelo autor deste trabalho, a partir de menções diversas na obra em foco.

| Po. | Categoria 1 | Mediação/mediador | Categoria 2 | Relação |
|------------------|----------------------|--|--|---|
| Pg 113 | - Linguagens | Cordel | - Religiosidades | Prática cultural que absorve |
| | - Linguagem "alta" | | - Linguagem | diferentes discursividades |
| 114 | Tradição culta | Trabalhadores da imprensa | "baixa" | Seletores de conteúdos e |
| | | | Tradição oral | formas de diferentes |
| 131 | Folclore das férias | Melodrama | ns aumitanti | procedências |
| | | The second secon | Espetáculo | Discursividade específica que |
| | | | popular-urbano | absorve formas diversas de |
| 139 | Livro | Técnicas de escrita | (massivo) | apresentação |
| | | jornalística e aparato | | Deslocamento de modos de |
| | | tecnológico | Imprensa | produção e suportes, que |
| 140 | Escritor | | | resulta em formato específico |
| | 1 | Relação assalariada | | (folhetim) |
| | | | Texto | Relação institucional e |
| | | | 1.0 | econômica, cujos modo e |
| | | | | periodicidade reorientam a |
| 141 | Exigências do | | | intencionalidade artística do |
| | mercado (fórmula | Estrutura tipográfica | | escritor |
| | comercial) | - Composição e | Formas da cultura | Práticas de produção, |
| | comercial) | fragmentação do relato | (demanda cultural) | distribuição e consumo, |
| | | - Ritmo da entrega semanal | (demanda cunturar) | • |
| 143 | Estruturas da | - Forma de pagamento | | possibilitando acordo e simultaneidade entre |
| 173 | sociedade | Leitura (como atividade | 7 Y | |
| | Sociedade | ` | Estruturos de | sentidos opostos, |
| 146 | Tempo do ciclo | constituinte) | Estruturas do | antinômicos |
| | rempo do cicio | Danie dieide 1. 1. ~ | texto | Prática social vinculatória |
| | | Periodicidade da narração | | de estruturas diferenciadas |
| | | popular e sua estrutura | | categoricamente |
| | 120 | | Tempo linear do | Processo ou estrutura que |
| 148 | Mito (espaço do | | progresso | permite chegar a um |
| | sobrenatural) | Herói do folhetim | | ordenamento temporal sem |
| 160 | Espectador | | | sair por inteiro do anterior |
| | | Indistinção entre ator e | Novela (espaço da | Personagem de tipo híbrido |
| | | personagem (dispositivo | descrição do real) | ligando sentidos |
| 195 | - Estado | específico: primeiro plano) | Mito | Categoria teórica |
| | - Rural | Meios de comunicação de | | explicativa de uma relação |
| | - Tradições | massa | 1 - V | entre antinomias |
| | | | - Massas | Instituição cuja prática |
| | | | - Urbano | relaciona sentidos, modos de |
| | | | - Modernidade | vida e instituições |
| 197 | Racionalidade | | | (simulação e desativação |
| | informativo- | Especificidades tecno- | | dessas relações significa |
| | instrumental da | discursivas do rádio | | abandono da condição |
| | modernidade | | Mentalidade | mediadora) |
| 209 | Memória | | expressivo- | Estruturas e práticas que |
| 20) | | Objetos sagrados e ritos | simbólica do | vinculam diferentes |
| | | o ojetos sugrudos e mos | mundo popular | racionalidades |
| 214 | Experiências de | | пинао рорини | racionandades |
| | setores populares | Ativistas, quadros do partido | Utopia | Modo de apropriação que |
| | Setores populares | socialista, pequenos | Сторіа | torna possível a relação |
| | | comerciantes e profissionais | | com o radicalmente outro |
| 217 | Universo privado | do bairro | Evnariônaisa da | |
| 21/ | da casa | Bairro | Experiências do | Construtores de nexo em |
| 237 | Tempo do capital | Dalito | mundo intelectual | instituições dentro de um |
| 231 | rempo do capitar | Sária a gânaras | e das esquerdas | bairro |
| | | Série e gêneros | | |
| 239 | 17.5 | | Mundo público da | Lugar de vivência de |
| 239 | Lógicas do sistema | - CA | cidade | sentidos ambíguos ou |
| | produtivo | Gêneros | Tempo da | sintetizadores |
| 239 | 77.5. 1.6. | | cotidianeidade | Formas ou práticas |
| | Lógicas do formato | G0 | 100 | discursivas para sustentação |
| 241 | T. 111 | Gêneros | Lógicas do sistema | de diferentes temporalidades |
| 244 | Tempo da história | bas often sylt | de consumo | Formas ou práticas discursivas |
| | 1 | Tempo familiar (a partir do | The state of the s | para a sustentação de |
| | | qual o homem - como | Lógicas dos modos | diferentes lógicas, em um |
| 245 | Tempo da vida | parente - se pensa social) | de ler, dos usos | processo |
| | (socialidade negada, | Melodrama (por via de um | Tempo da vida | Idem o anterior |
| | economicamente | sentido de anacronia, como | B. 17.2-11.7 | 1 |
| | desvalorizada e | transformação capitalista do | D 104 E1 | Temporalidade específica que |
| | politicamente | trabalho e do ócio, abolindo | Tempo do relato | viabiliza comunicação entre |
| | desconhecida) | a socialidade popular) | (que afirma a | diferentes durações |
| | desconnectua) | | | |

artística de um tipo de produtor cultural (por exemplo, o escritor).

Como instituição ou local geográfico: Instituição cuja prática relaciona sentidos, modos de vida e instituições (simulação e desativação dessas relações significa abandono da condição mediadora). Lugar de vivência de sentidos ambíguos ou sintetizadores (como o bairro). Martín-Barbero (233) fala também em mediações como lugares dos quais provém as constrições delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da TV. Tais lugares são: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a "competencia" cultural.

Como dispositivo de viabilização legitimação eda hegemonia ou resolução imaginária da luta de classes no âmbito da cultura: Oficio da cultura, de cobrir diferenças e reconciliar gostos, cobrindo o conflito de classes pela produção de uma resolução no imaginário que assegure o consentimento ativo dos dominados, o que culminou na inversão da cultura popular em cultura de massa, evitando que se

tomasse uma cultura de classe (135).

Dentro desse processo hegemônico, a mediação é também a mutação da materialidade técnica em potencialidade socialmente comunicativa, processo de transformação cultural que viabiliza as modalidades de comunicação, revelado pelas inovações tecnológicas. Tal é o sentido de âmbito OS meios no mediações (153-4). A mediação é, assim, definida como processo pelo meios de qual os comunicação adquirem materialidade institucional e espessura cultural, abordagem que supera estudos sobre estrutura econômica e conteúdo ideológico (177).

A mediação é ainda situada (207) como dispositivo pelo qual a hegemonia transforma, de dentro, o sentido do trabalho e a vida da comunidade. Tal mediação é realizada por uma dupla operação: desconexão (separação do indivíduo de comunidade sua dissolução do sentido social de seu

trabalho) e recomposição (integração dos fragmentos em tipicidades que revertem do nacional e do transnacional sobre as comunidades, formas de condutas ou necessidades de objetos industriais sem os quais a vida já é praticamente impossível). Nesse deslocamento de relações entre objetos e usos, entre tempos e práticas, aquilo que as comunidades produzem e seus modos de produzir se convertem em veículos mediadores da desagregação.

Em duas circunstâncias (148 e 214), Martín-Barbero faz uso do termo "mediador" e do verbo "mediar" para indicar agentes que atuam seletores de conteúdos e formas de diferentes procedências ou como construtores de nexo em instituições dentro de um lugar social específico (como um bairro), 011 no caso específico da literatura folhetinesca, compreender herói, o personagem literário de tipo híbrido, ligando sentidos diversos.

Em diversos outros pontos da obra, a mediação é apenas citada, sem condições claras de análise conceitual. Deixamos de indicar tais menções, por desnecessárias.

4.2 Orozco Gómez: as mediações múltiplas

A busca de Orozco Gómez4 foi desenvolver um marco conceptual que não se sustentasse em dicotomias (macro-micro, emissores-receptores, etc.) e uma estrutura epistemológica que desse conta da intermediação de diversos elementos, níveis e regras que assumem os membros da audiência, ao interatuar com as mensagens da TV. Para superar o primeiro problema e escapar de uma racionalidade dualista entre contextos sociais macro e micro, ele sugere adotá-los como fontes de mediação. E, por fim, sua busca epistemológica é por um enfoque integral da recepção, capaz de reunir em função da recepção televisiva a teoria da estruturação de Giddens, a teorização da mediação cultural de Martín-Barbero e sua própria conceituação de recepção e mediações como processo.

(04) O trabalho em que esse pesquisador tenta situar e fazer avançar o conceito de mediação, e sobre o qual este texto se detém, é intitulado Recepción televisiva y mediaciones: la construción de estrategias por la audiencia. Publicado originalmente em inglês em 1992, foi vertido para o espanhol e divulgado pela Universidad Autónoma de Barcelona em 1993.

Para isso. desenvolve da múltipla mediação, perspectiva partindo do pressuposto de que a interação TV-audiência emerge de um processo complexo, multidimensional e multidirecional, que abarca vários cenários e negociações momentos, que transcendem a tela da TV. Orozco Gómez trabalha com diferentes categorias de mediação. Inicialmente, define as mediações como "processos de estruturação derivados de ações concretas intervenções ou processo de recepção televisiva", para, em seguida, distinguir entre mediações e fontes de mediação, sendo estes os lugares onde se originam esses processos estruturantes. Assim, a mediação se manifesta por meio de ações e do discurso, mas nenhuma ação singular ou significado particular a constitui enquanto tal. É, portanto, um processo complexo e difuso, diferente da soma de seus devendo componentes, não ser entendido como um obieto de observação, e sim como algo similar à classe social.

As fontes de mediação são várias: política, economia, classe cultura. social, gênero, idade, etnicidade, os meios, as condições situacionais e instituições contextuais, as Também movimentos sociais. origina na mente do sujeito, em suas emoções e suas experiências. Cada uma dessas instâncias é fonte de mediações e pode também mediar outras fontes.

Para Orozco Gómez. mediações, em seu caráter múltiplo. dividem em quatro grupos: individual, situacional, institucional e vídeo-tecnológica.

A mediação individual é a que surge do sujeito, como indivíduo ou como sujeito social, membro de uma cultura. A "agência" do sujeito se desenvolve em diferentes cenários. A mediação cognoscitiva (resultado derivado da estrutura mental por meio da qual o sujeito conhece) é a principal mediação individual. Suas fontes são "esquemas mentais" (psicologia), repertórios ou textos (estudos culturais

literários) ou scripts (recepção definem televisiva). Os scripts següências específicas de ações e discursos, proporcionando ao sujeito diretrizes para atuar de acordo com representação uma generalizada daquilo que se espera dele, ou ao que se pensa ser adequado que ele faça em um cenário específico. Determinados social e culturalmente, os scripts são aprendidos por meio da interação social, embora nem sempre requeiram um ensino explícito, e significam pelas instituições sociais ou pela agência do sujeito, adquirindo sentido significações específicas. como podem ser transformados pela agência do sujeito e pela mediação múltipla que os sujeitos enfrentam no processo da recepção. Outras fontes de mediação são o gênero, a idade e a etnia. Todas as mediações individuais devem ser entendidas dentro de meios culturais concretos.

A mediação situacional é a que tem como fonte a situação da interação, entendida como algo que transcende o simples momento do contato direto com a TV e se multiplica conforme os cenários diferentes nos quais interação se desenrola. São cenários os lugares onde são produzidas as negociações e as apropriações da TV, razão pela qual fatores como o tamanho e o nível de diferenciação da habitação ou o estar só ou acompanhado constituem mediações situacionais, implicam possibilidades pois limitações processo para o de recepção televisiva. As mediações situacionais procedem também dos cenários específicos onde os membros da audiência interatuam usualmente (escola, bairro, lugar de trabalho, etc.), sendo que alguns são mais relevantes do que outros como fontes de mediação.

A mediação institucional se faz presente quando as instituições sociais mediam a agência do sujeito. A audiência não é audiência só quando interatua com a TV. A audiência são muitas coisas ao mesmo tempo e participa de diversas instituições sociais, de forma que a identificação dos sujeitos receptores não apaga as outras identidades. As instituições utilizam diversos recursos para implementar sua mediação, como o poder, as regras, os de negociação, procedimentos condições materiais e espaciais, a autoridade moral e acadêmica, e, principalmente, a construção identidades e o desenvolvimento de classificações que outorguem sentido mundo. instituições se As diferenciam entre si pelas diferenças em seu acúmulo de poder, autoridade, recursos e mecanismos de mediação, e podem mesmo competir entre si, podendo ser percebidas pelos sujeitos como contraditórias ou mutuamente neutralizantes. Por isso, não se deve entender а mediação institucional como um processo estruturador monolítico.

A mediação tecnológica é a que parte do pressuposto que a TV, como instituição social, não reproduz simplesmente as outras mediações institucionais. Ao contrário, produz sua própria mediação e utiliza recursos para impô-la sobre sua audiência. Como meio eletrônico, a TV tem especificidades, para incorporar "o que está fora", dentre as quais uma muito importante é o gênero, definido como combinação específica de códigos que resultam em modos particulares tanto da estrudo discurso turação quanto televidência. Isso chama a atenção para o fato de que a abordagem múltipla da mediação não se refere apenas à existência de formas culturais da TV, e sim à circunscrição dessas formas culturais. Isto é, a mediação própria da TV não é um processo estruturador derivado somente das características video-tecnológicas gerais do meio, mas de um processo muito específico que se origina principalmente dos gêneros televisivos por meio dos quais a TV efetua uma vinculação concreta de sua audiência. Assim, gêneros, graus de verossimilhança e possibilidades de representação reforçam a eficácia da mediação tecnológica.

A noção de mediação múltipla implica supor que a interação TVaudiência compreende combinações específicas de mediações, num pro-

altamente sociocultural cesso segue alguns padrões ou combinações preferenciais de mediação, as quais são dinâmicas, nunca estáticas. afirmara Hall, "interatuamos Como criativamente com a TV sob condições que não são inteiramente de nosso domínio". Esse dinamismo pode ser explicado pelas mudanças concretas nas relações de poder ("dialética de controle", conforme Giddens, qual nem todos os sujeitos participam do contexto com os mesmos recursos e possibilidades de influenciar os demais).

A operacionalização sugerida para o jogo da mediação é a das "comunidades interpretativas". O processo de recepção teria diferentes tipos comunidades: comunidade televidente, de apropriação e de reapropriação, que todas possuiriam comum a função de dar significação à interação TV-audiência. Entretanto, só "comunidade interpretativa", compreendida combinação como particular de outras comunidades, define finalmente sentido interação. Por comunidade interpretativa, Orozco Gómez entende grupo de sujeitos sociais unidos por um conjunto particular de práticas comunicativas. Por exemplo: a família a comunidade televidente mais frequente, mas não é necessariamente sua comunidade interpretativa.

Apesar do predomínio de algumas comunidades interpretativas, audiência não é uma entidade monolítica, nem um sujeito passivo, a priori nem uma categoria audiência não nasce audiência, mas se faz e se vai transformando). interação, pois, não deve ser tida como conjunto único de ações, e sim como uma prática comunicativa, na qual se combinações específicas mediação e da qual derivam resultados particulares. A agência dos membros da audiência e suas práticas recepção têm um propósito e seletivas, desenvolvendo ao longo de cenários socioculturais específicos e se traduzindo por estratégias de recepção televisiva. Uma estratégia de recepção

é uma "concretização da agência" do sujeito em relação à TV. Nesse sentido, é ilustrativa a teorização de Martín-"prática Barbero sobre comunicação", de composta socialidade (conjunto de interações estruturadas pelo auditório em sua luta apropriar-se criativamente ordem social, transcendendo a simples ordem de racionalidade institucional, o que inclui as negociações cotidianas entre os membros da audiência e o poder institucional), ritualidade (resultado das interações específicas repetidas na prática da audiência) e tecnicidade (o "organizador perceptivo", pelo qual a inovação e o discurso se articulam de modo significativo e intencional, sendo que cada meio tem sua tecnicidade específica e que a percepção do sujeito media ao organizar sua negociação de significados com a TV).

5. Lopes, Borelli e Resende: a contribuição brasileira

A mais recente e significativa para a elaboração contribuição de mediação conceito procede dos estudos desenvolvidos um conjunto de pesquisadores, coordenados pela professora Maria Immacolata Vassalo de da Lopes, Universidade de São Paulo. recentemente publicados em livro Borelli e Resende, 2002). (Lopes, Trata-se de um enorme e copioso esforco de pesquisa, reuniu que diferentes metodologias, quantitativas

qualitativas, para deslindar mediações estabelecidas na recepção da telenovela A Indomada, da Rede Globo.

Em vista dos objetivos deste trabalho. analisaremos neste diretamente os resultados momento de pesquisa do grupo, e sim a trajetória do conceito de mediação, na abordagem e no embasamento teórico que dele fazem as autoras. Desse ponto de vista, não resta dúvida que é mantida a dos estudos perspectiva referenciando o trabalho fortemente em Martín-Barbero e Orozco-Gómez, no que tem se denominado a vertente

latino-americana dos estudos de pois, mediação. Insere-se, essa pesquisa, exatamente no campo dentro qual este texto busca analisar, podendo, por tal razão, lançarmos à sua fundamentação teórica e à ambição metodológica que o inspira, os mesmos questionamentos que fizemos aos autores os quais lhe servem de base.

As autoras, nos capítulos iniciais, parecem atentas a buscar uma melhor definição para o conceito, para isso recorrendo, como é comum renovações conceituais em ciência e filosofia, ao emprego de metáforas⁵. É como metáfora que, no trabalho de Lopes, Borelli e Resende, a noção de mediação é vista e descrita como "lugar6", "perspectiva", "estrutura" (Lopes et alli, 2002, 39). E, nestes termos. passa a assumir uma preocupação categorial muito maior que a conceitual, de Martín-Barbero; em outras palavras, a busca fundamental passa a ser torná-la uma noção que se preste a ser um instrumento para a pesquisa empírica.

O problema dualismo, de forma denunciado aqui, aparece específica e inusitada no texto. Há o de reconhecimento um dualismo fundamental nos estudos de comunicação: produção/recepção ou consumo (algumas vezes as autoras acrescentam o produto, o qual, de forma interessante, não aparece como mediador, pois a idéia de mediação está reservada para certos priori elementos simbólicos que se fazem presentes nos movimentos de interpretação). Ante o dualismo produção/recepção, a noção de mediação comparece não como aquilo que simplesmente une os pólos, e sim como um elemento articulador, presente em "...todo o processo de comunicação" (Lopes et alli, 2002, 39). É possível entrever aqui uma tentativa de superação do dualismo revelado por este estudo. Nesse contexto, mediação seria aquilo que estaria presente ambos em processos o que, portanto, resultaria perspectiva "integradora" "compreensiva" do processo de comunicação, restando saber até que

(05) Sobre a legitimidade do uso da metáfora na metodologia científica, no âmbito das ciências sociais, é muito interessante o trabalho de Nunes (2005). (06) Distingue-se, nestes termos, o uso da metáfora "lugar" como as mediações e os "lugares de mediação", que as autoras do trabalho em análise assumem a partir de Orozco-Gómez, em seu modelo de "mediações múltiplas" (Lopes et alli, 2002, 43).

ponto isso se consolida na articulação teórico-metodológica do trabalho desenvolvido.

A fim de alcancar este desiderato. optam por uma estratégia de caráter multidisciplinar. A mediação, nesta visão, não articula um método específico e sim uma imbricação metodológica. Esse movimento revela sobretudo uma busca, originária da inconsistência metodológica da da pesquisa própria área comunicação. cujos estudos continuam metodologicamente perplexos e profundamente usufrutuários das heranças metodológicas das ciências humanas e sociais em geral.

A pesquisa das autoras se efetua a partir de quatro "lugares" mediação: a família, a subjetividade, o gênero e a videotécnica. É interessante notar que o conceito de mediação parece se alterar, conforme o "lugar" de onde é percebido, mas, senão o dualismo, uma apreensão genérica e intermediadora entre realidades conhecidas se mantém, no uso do conceito.

Dentro da análise da mediação "cotidiano familiar", para as autoras, identidades culturais básicas constituem as *mediações*, que são: posição familiar, sexo e idade (Lopes et alli, 2002, 137). Essa mediação assume, então, múltiplas dimensões, nas formas das comunidades de consumo, estética, afetiva, de poder e de interpretação (também chamada no texto de "hermenêutica"). Para avaliálas, as pesquisadoras utilizaram três categorias de análise: espacialidade familiar, temporalidade familiar e competência cultural (Lopes et alli, 2002, 141). Nesse contexto, a noção de "mediação" comparece como todo e qualquer sinal de intermediação simbólica entre dois ou mais elementos ou dimensões. Não há, porém, uma forte repercussão da idéia de mediação na teorização referente ao que poderia ser uma sociologia da família, já que o texto passa a abranger os resultados percebidos ou as diferentes maneiras pelas quais a novela é interpretada, não

desaparecendo dos relatos conceito de mediação — o que sugere categoria sido ele uma iustificação do das multiuso metodologias, e não uma categoria explicativa dos processos comunicação.

A análise de mediação e copiosa subjetividade é mais tratamento teórico. Ali, as buscam discutir a interface psicologia e estudos culturais anunciando inclusive a possibilidade de construção de um novo arcabouço teórico com a conjunção entre a noção mediação e as categorias psicológicas. É no item das "interfaces conceituais" que o conceito aparece com maior clareza e, também, onde sua característica dualística com maior limpidez. Mediação, ali, é assumida como interação entre as instâncias de produção e recepção e entre indivíduo e ambiente, como modo pelo qual o sujeito investe em um produto cultural e utiliza recursos afetivos, cognitivos e intelectuais, e, enfim, como forma de engendramento da subjetividade (Lopes et alli, 2002, 183). Mais adiante, quando as autoras introduzem uma discussão conceitos da psicanálise, a idéia de mediação aparece novamente como "campo da ilusão", isto é, como intermediário entre registro, imaginário e imagem, ou como forma de mediar a realidade (Lopes et alli, 2002, 192).

Nos estudos de gênero, característica de mediação intermediação aparece da mesma forma. Os gêneros seriam, para as "mediação fundamental na autoras, relação entre produtores, produtos e receptores na cultura moderna" (245), ou "portadores de referencial comum de mediação entre produtores culturais, autores, produtos e receptores" (Lopes et alli, 2002, 247). Neste item, aparece a noção de "pacto de recepção", correlata aos "pactos de leitura" de Lejeune, dentro da qual a noção de mediação vincula-se de novo a uma racionalidade dualista, isto é, como aquilo que possibilita o diálogo

entre leitores e receptores. As autoras parecem então assumir explicitamente dualista da noção caráter mediação, ao definirem gênero como de articulação de lógicas: a dos produtos e a dos usos sociais (Lopes et alli, 2002, 254).

O uso dualista do conceito de mediação não se altera também no estudo do lugar da videotécnica. A mediação videotécnica efetua, para as autoras, os nexos entre produção e permitindo, consumo, assim, ao analista, não dissociar produto produção. Dizem as autoras que "... a mediação videotécnica indaga sobre como se estabelece um contrato de recepção entre produção e consumo" (Lopes et alli, 2002, 331).

Interessante observar a utilização aqui da noção de "forma cultural", de Raymond Williams, definida como "mediação entre texto cultural e tecido social" (Lopes et alli, 2002, 311 e seg.), numa interpretação que estranhamente ignora o abandono da noção de mediação, por este autor.

análise deste trabalho se restringe ao uso da noção de mediação, conceito, seja como seja como categoria de pesquisa. Embora, aparentemente, haja, nos resultados dessa pesquisa, muita complexidade metodológica com pouca novidade inclusive nos resultados atingidos após a pesquisa empírica, o que se pretende aqui não é uma discussão das teorias de televisão ou, muito menos, da telenovela.

Em toda a imbricação metodológica postulada, a proposta parece ser inovadora em alguns detalhes, como é o caso do procedimento denominado TVN-R (sigla para indicar "telenovela reeditada", o que talvez seja uma denominação restritiva, já que o procedimento parece ser útil para outros formatos gêneros e comunicação). A técnica pode ser bastante proveitosa para os estudos de recepção de televisão e caberia uma abordagem mais cuidadosa e específica, para a delimitação das possibilidades e limites de sua aplicação para os estudos empíricos na área.

Dois seriam principais os problemas deste trabalho pesquisa. Primeiro, a carência ainda sentida de uma discussão conceitual mais aprofundada, capaz de dar conta do problema filosófico inscrito na idéia de mediação. Embora a análise deste trabalho leve a concluir isso com bastante clareza, as autoras reconhecem a presença do dualismo Martín-Barbero, assumindo acriticamente o deslocamento meios às mediações", sem abordar a questão filosófica aqui expressa, constitui, dúvida, sem permanência de uma fragilidade teórica que, a nosso ver, carece ser enfrentada. Apesar disso. reconhecimento do dualismo presente que chama "teorização atrasada" das pesquisas da área no Brasil. Para abordagem autoras. a "mediações" supera esse problema, o que, como demonstramos aqui, não corresponde à verdade.

Poderíamos, por fim, sintetizar, a partir da contribuição das autoras, algumas vantagens e desvantagens do uso do conceito de mediação como categoria de análise nos estudos de comunicação. A principal vantagem é, dar visibilidade sem dúvida, deslocamentos de sentido dos processos interpretativos, dentro de repertórios compartilhados.

Mas, há desvantagens. Primeiro, a condição totalizante, presente nessa categoria, não permite identificar o que não seja mediação. Todas as categorias adquirem o mesmo grau de importância e a "saturação de sentidos" não se constrói, ao final, como crítica teórica ou, menos ainda, como uma nova teoria da comunicação. O ganho teórico, enfim, deixa a desejar, embora informações sejam curiosas abundantes, excessivas até.

Ao final, a dimensão teórica aparece empregada a partir conceitos de fundamentação consolidada, como "hegemonia" (Gramsci), "habitus" (Bourdieu), "modernidade tardia" e, quase sempre, retomando a perspectiva dualista, com que parece que o conceito não

consegue se desprender pelas razões elencadas neste trabalho.

É, por fim, uma perspectiva teórica que pode ser utilizada como categoria de análise, mas não elabora uma nova teoria da comunicação, nem articula uma metodologia própria. Antes desloca o olhar da comunicação para a condição de abstrair-se oblíqua materialidades da comunicação - o que representa um ganho e, também, uma perda.

Trata-se. portanto, de uma abstração que ainda não produziu teoria nem método, mas que pode e deve ser vista como uma perspectiva válida, para a compreensão dos processos de recepção, na sua interligação com a produção.

Talvez venha a servir, no futuro, para fundamentar uma nova teoria do sentido em comunicação, entretanto, desde que não se tenha que dizer como vem sendo afirmado, direta ou indiretamente - que tudo é mediação. Enfim, parece-nos ainda imprescindível, para a avaliação de suas possibilidades heurísticas, conhecer com nitidez os limites da noção de mediação, tanto em seu uso conceitual, como elemento de construção teórica, quanto em seu uso categorial, como ferramenta para o desenvolvimento metodológico em comunicação. E isso ainda não foi feito, embora se deva elogiar o esforço enorme da pesquisa que resultou na obra Vivendo com a telenovela.

6. Conclusão

Ao final deste estudo, ainda permanece de certa forma a dúvida inicial, sobre o grau de precisão teórica aplicabilidade empírica do conceito de mediação. Parece claro que a necessidade de uma discussão teórica mais profunda ainda presente; as fissuras talvez ainda sejam mais aparentes do que as definições.

É que o campo de indefinições extrapola a simples reflexão conceitual. O próprio interesse pelo uso da noção de mediação sugere isso. A comunicação é uma área de estudos demasiadamente imprecisa, a ponto de ser difícil afirmarmos com segurança a natureza específica de seu objeto teórico. Estudar comunicação é como fazer retrato do movimento: o que resulta é sempre uma figura estática cuja imagem em si já começa negando o que se propôs retratar, e talvez seja isso que nos obrigue a pensá-la a partir de categorias que lhe são externas.

O valor epistêmico do olhar sobre as mediações culturais parece repetir esse talvez insuperável deslocamento, que torna a comunicação um objeto oblíquo, apenas possível de ser vislumbrado - embora jamais visto - de um ponto de vista que epistemologia mais parta de uma consagrada, ora a das ciências matemáticas e físicas, quando abordagem se prende às conexões da tecnologia, ora a das ciências sociais e da linguagem, sempre que se busca dos compreensão modos como os homens processos se relacionam. Nesse sentido, perspectiva das mediações desloca o olhar da comunicação para os sentidos que a transcendem, vinculados à cultura suas matrizes de significação complexa e múltipla.

Certamente, esse é o traço de um tempo em que a comunicação se autonomizou em estruturas institudiscursividade específica cionais de (Ribeiro, 1996) e cujas redes se constituíram em materialidade tecnológica da própria circulação do capital (Bucci, 1997; 1998A), e que talvez até já possam ser caracterizadas pela construção de uma racionalidade específica (Signates e Lima, 1998B) mas que, como já afirmara Habermas (1996, 390) não capazes de se autonomizar completamente porquanto seguem dependendo da linguagem para realizar necessária conexão entre subsistemas sociais e o mundo da vida.

É possível, no entanto, que a tão decantada fragilidade epistemológica da comunicação seja seu principal valor heurístico. Talvez não haja campo propício, pelas próprias possibilidades que suas indefinições deixam em aberto, para o desenho

possível da metáfora com que Martín-Barbero trabalha - a do mapa noturno (numa referência não explícita à fase noturna de Bachelard). E, nesse caso, complexidade e a rede de possibilidades implicada nas indefinições do conceito de mediação seriam justamente os operadores teóricos da abertura, e o cerne deste texto seja uma lamentação de tipo diurno...

Alguma luz, contudo, é sempre necessária. Afinal, se a noção de mediação se tomar um conceito do tipo guarda-chuva, que permita levar até à mais simplória das totalizações - tudo é mediação (logo, nada o é) - todo o propiciado valor heurístico pela abertura de suas possibilidades pode redundar apenas em generalizações sem qualquer utilidade teórica. Daí porque uma abordagem consistente não precisa necessariamente implicar uma exigência de rigor positivista, mas deve ser estruturada conceitualmente dentro de certos limites epistemológicos tracados com um mínimo de clareza.

É nesse sentido que torna-se preciso admitir, após essa varredura conceitual, que o uso da noção de mediação tem sido problemático, denotando alguma razão de ser, na atitude de Raymond Williams desistir dele. Assim, parece correto indagar, a esta altura, pelas prováveis razões que levaram teóricos do porte de Martín-Barbero e Orozco Gómez a insistirem em sua utilização, chegando a colocá-lo, como é o caso de Martín-Barbero, como um conceito central em sua importante obra.

A justificativa mais óbvia é, sem dúvida, a busca de saídas para o entendimento de um quadro complexo como o da recepção, sem cair nos problemas velhos das chamadas "teorias fundadoras", seja nas preocupações instrumentais teorias administrativas, por um lado, seja, por outro, nas aporias da vertente crítica. Ou mesmo para evitar as novas armadilhas teóricas, como que denunciou Martínrecentemente Barbero (1990), como o comuni-

cacionismo (tendência a ontologizar a comunicação, como o lugar de onde se desvelaria a secreta essência da humanidade). mediacentrismo (identificação da comunicação com os "meios" ou instituições) marginalismo alternativista (crença metafísica em uma "autêntica" comunicação, fora da contaminação tecno-mercantil, ou também populismo nostálgico da fórmula essencial e originária, horizontal participativa da comunicação identificada com o mundo popular).

Para essa busca, a noção de mediação parece atrativa, pois insere a comunicação em sentidos sociais amplos, mantendo viés mais 0 altamente crítico, embora livre, graças orientação típica dos cultural studies, de abordagens aporéticas ou economicistas. Além disso, o conceito altamente permeável ao método dialético, favorecendo a manutenção perspectivas socio-históricas e políticas, entranhadas na vivência cultural.

entretanto, problemas que permanecem. A abordagem de Martín-Barbero, por exemplo, é claramente dualista, deixando de evitar a principal crítica feita por Raymond Williams ao uso do conceito. Orozco Gómez, contudo, ao propor a multiplicidade das mediações, desenvolve uma interessante linha de superação, embora sua categorização pareça um tanto restritiva, razão pela qual talvez um tratamento mais sofisticado. E o copioso trabalho de pesquisa empírica de Lopes, Borelli e Resende não resolvem o problema teórico.

Porém, mesmo com o tratamento e a centralidade que todos estes autores dão ao conceito, a segunda dificuldade mencionada por Williams se mantém: mediação, mesmo admitida sua multiplicidade, somente se estabelece como operador útil no tratamento de realidades ou estruturas conhecidas. Essa restrição. claro, não torna o conceito proibitivo, não invalida a sua utilização, até porque, frente categorias de análise que possam ser admitidas como pressupostas ao estudo que se quer fazer, tratá-las a partir das mediações pode significar um ganho metodológico relevante, porquanto permite fazê-lo de forma dialética. A mediação, nesse sentido, pode ser compreendida como aquilo permite a presença simultânea ou processual de antinomias, como condição de emergência do novo nas mudanças sociais.

Enquanto, contudo, seus limites teóricos e metodológicos não ficarem suficientemente definidos, dificilmente o uso da noção de mediação dotará os

estudos de comunicação de um suporte teórico que possa ser admitido como uma superação das teorias e interpretações existentes. Enquanto esse trabalho conceitual não for realizado pelos seus teóricos, não haverá — mesmo que se diga haver - qualquer "teoria das mediações", capaz de sustentar uma arquitetura conceitual própria ou, menos ainda, como pretenderam as autoras analisadas por último neste texto, indicar um instrumental metodológico capaz de produzir uma nova forma de conhecimento dos processos comunicacionais.

Bibliografia do Artigo

- BUCCI, Eugênio. Alguns amigos que eu tenho (e de como o capital aprendeu a falar). Praga, n. 3, 1997.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DUBOIS, Jean et alli. Dicionário de Lingüística. São Paulo, Cultrix, 1997.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discourse and social change. Cambridge, Polity Press, 1994.
- HABERMAS, Jürgen. The theory of communicative action. Lifeword and system: a critique of functionalist reason (V. 2). Boston, Beacon Press,
- LALANDE, André. Vocabulário técnico e crítico da filosofia. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- LOPES, Maria I. V. de; BORELLI. Sílvia H. S.; RESENDE, Vera da R. Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo, Summus, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. Os termos-chave da Análise do Discurso. Lisboa, Gradiva, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia. Barcelona, Gustavo Gili, 1987.
 - De los medios a las praticas. In: comunicación de las praticas sociales. Cuadernos de Comunicacion y praticas sociales. Univ. Ibero Americana, México, n.01, 1990.

- MARTÍN-SERRANO, Manuel. La producción social de comunicación. Madrid, Alianza, 1993.
- NUNES, Jordão H. As metáforas nas ciências sociais. São Paulo, Humanitas; Goiânia: Editora UFG, 2005
- OROZCO GÓMEZ. Guillermo. Recepción televisiva y mediaciones: la construción de estrategias por la audiencia. In: Televidencia. Cuadernos de Comunicación, n. 6, Mexico, 1994.
- RABELO, Desirée C. Jesús Martín-Barbero: da linguagem às mediações. São Paulo, Umesp, 1998. (paper)
- RIBEIRO, Lavina. Contribuições ao estudo institucional da comunicação. Teresina-PI, EDUFPI, 1996.
- SANTOS, Boaventura. Introdução uma ciência pós-moderna. Porto, Afrontamento, 1990.
- SIGNATES, Luiz. O evento além das grades: um estudo socio-interacionista e fenomenológico da comunicação. Brasília, UNB, 1998a (Dissertação de Mestrado)
- SIGNATES, Luiz; LIMA, Weber. Um estudo sobre a racionalidade específica da comunicação. São Paulo, Compós/GT Experiência e Compreensão, 1998b (paper)
- SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. Revista Novos Olhares, ano 1, n.02, CTR-ECA-USP, 1998c
- WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

Cultura. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. Lisboa, Presença, 1987.